



AS GREVES NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS EM 2015



Iniciamos 2015 com o lema do Governo de Dilma/PT: “Brasil, Pátria Educadora”. Já no início do ano mostram sua contradição ao cortar quase 8 bilhões da Educação, que logo se transformaram em 9,2 bilhões cortados do investimento na educação. As consequências puderam ser vistas no fechamento de pós-graduações, cortes de bolsas, fim de programas, entre outros.

A greve das federais foi, também, consequência da greve de 2012, quando o governo propôs um reajuste parcelado em 3 anos (esse reajuste já acabou). Os professores saíram derrotados na medida que aceitaram um reajuste cuja porcentagem era baseada na projeção da inflação, mas não contaram com o aprofundamento da crise e, desse modo, tiveram perda salarial.

A insatisfação dos trabalhadores com essas medidas é colocada através das greves nacionais na Educação com a participação de 70% dos Institutos Federais e 48 Universidades Federais.

Para avançar é preciso romper com o grevismo (deflagração da greve com o objetivo único de conscientizar a sociedade e sensibilizar parlamentares), pois apenas através da organização pela base e ação direta de massas que seremos capazes de retomar nossos direitos. Além de extensos debates políticos, é necessário utilizar outros instrumentos de pressão como ocupações de reitorias e órgãos públicos, trancamento de vias, etc. Durante a greve, várias reitorias foram ocupadas por estudantes como na UFRJ, UFRS, UFAL, UFC. Nós da RECC estivemos em ocupação e saudamos os estudantes que ocuparam as Reitorias!

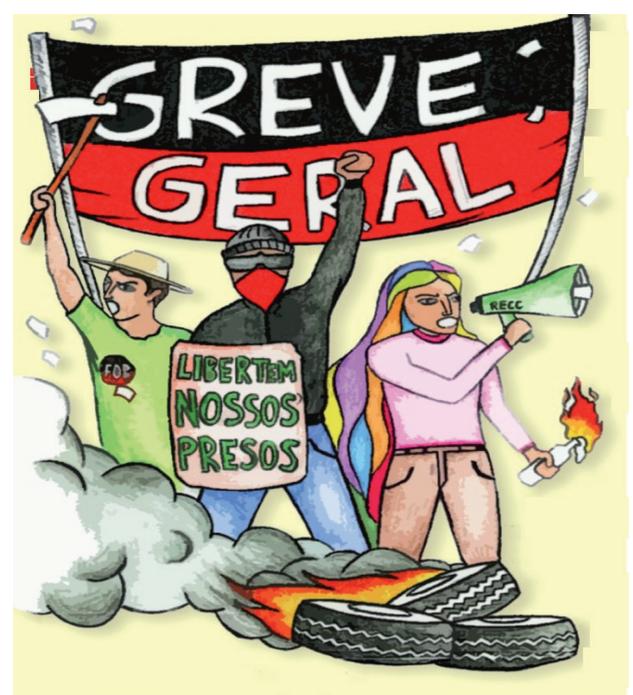


unificação dos trabalhadores se mostra uma arma importante de enfrentamento - um exemplo a ser citado é o de Mato Grosso do Sul, onde IFMS e UFMS se articularam conjuntamente na defesa da Educação. Estudantes e trabalhadores devem se unir

para aprofundar as greves em defesa da Educação, combatendo o governismo e as entidades que amarram a luta do povo em sua própria burocracia ou em seus acordos de cúpula (PSOL, RUA, PSTU, ANEL, PCB, UJC, PCL e UJR) . Tomar as ruas por uma educação de qualidade, que seja do povo e para o povo!

**IR AO COMBATE SEM TEMER!
OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!**

**PARA BARRAR A PRECARIZAÇÃO!
GREVE GERAL NA EDUCAÇÃO!**



A EXPANSÃO DO CAPITAL PRIVADO NO ENSINO SUPERIOR

A ampliação de vagas no ensino superior no governo petista mais que aumentou a disparidade entre privado e público. Em 2002, havia em torno de 3,5 milhões de universitários, sendo 69% no ensino privado e 31% no ensino público. Mais de dez anos depois, a situação piorou, pois hoje são 7,3 milhões de universitários, sendo que 5,3 milhões (73,5%) estão nas instituições particulares e 1,9 milhão (26,5%) estão nas instituições públicas, sendo 1,1 milhão nas universidades federais.

Isso ocorreu devido ao estímulo do governo ao capital privado da Educação. Primeiro, o governo ampliou o financiamento estudantil (FIES) e depois criou o PROUNI, que favoreceu as empresas de educação, que enfrentaram dificuldades financeiras. Essas medidas reestruturaram o setor educacional. Os investimentos do governo petista no ensino superior ajudaram a criar um dos maiores grupos empresariais de educação do mundo: o grupo Kroton. Segundo a revista Exame, “São 1,2 milhão de alunos e o crescimento esperado de matrículas é de 10% a 12% ao ano. A Kroton anunciou um lucro líquido ajustado de 286 milhões de reais para o período de abril a junho de 2014, alta de 153% na base de comparação anual. Além disso, nos últimos 12 meses, os papéis da Kroton registram uma valorização de 111%.”

Nas universidades federais a ampliação de vagas aconteceu via REUNI e não foi acompanhada de uma melhoria efetiva e nem de aumento significativo de servidores, uma vez que os concursos praticamente só repuseram as perdas do período Collor-FHC. A greve de 2012 expressou o descontentamento com essa política.

Mantém-se a falta de livros nas bibliotecas, a precariedade dos campi, a falta de passe livre e bandeirão, entre outros

graves problemas.

A massa estudantil se encontra nas universidades privadas que recebem dinheiro público. A maioria dos estudantes são mulheres que estudam à noite. É preciso destacar que essas mulheres são jovens, em torno de 21 anos, e que trabalham durante o dia para pagar os estudos à noite nas instituições privadas.



Nas universidades públicas a maioria também é de estudantes trabalhadores. Segundo pesquisa realizada pela ANDIFES em todas as universidades federais, 85% dos estudantes tem renda familiar de R\$ 640 a R\$ 4754, sendo que 33,6% são aqueles que têm renda familiar de R\$960,00 a R\$1460 e 9% com renda familiar de R\$640 a R\$960,00. Além disso, 37,6% dos estudantes trabalham e 45% são oriundos da escola pública, destes 53% são brancos e 40% negros (pretos e pardos), considerando uma população que é 53% negra.

É interessante notar que no ano de 2013 houve um aumento das matrículas de 1,9% nas universidades públicas enquanto na rede privada o aumento foi de 4,5%.

Destaca-se que a assistência estudantil nas universidades privadas é pratica-

mente inexistente, além das diversas taxas, muitas delas ilegais. Só o Grupo Kroton tem mais estudantes que toda a rede federal de ensino superior. Essa tendência deve aumentar, uma vez que a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) favorece o direcionamento de verbas públicas para as empresas privadas, que estão mais interessadas nos lucros e no valor das ações na Bolsa de Valores do que na qualidade do ensino.

A aprovação do PNE 2011-2020, de caráter neoliberal, é mais um aspecto dessa política que não reverte as péssimas condições de estudo e trabalho da educação no geral. Os governos pretendem avançar com mais precarização das escolas e universidades. Procura-se melhorar os dados, como no ensino básico, mas sem nenhuma qualidade, uma vez que não há nenhuma intenção de melhoria das condições de ensino e estudo, com diminuição de estudantes por sala, melhor infraestrutura e condições de trabalho para os profissionais da educação, com melhoria dos salários.

A organização classista e combativa dos estudantes e trabalhadores da educação é cada vez mais urgente e precisa dar resposta rápida ao modelo neoliberal do governo petista. A “pátria educadora” de Dilma/PT começou com o corte mensal de quase 2 bilhões da pasta da educação e não devemos nos enganar sobre os objetivos desse governo, menos ainda a quais interesses ele atende. UNE e UBES estão ao lado do governo, por isso é tempo de construir um movimento estudantil independente, classista e combativo para resistir a este projeto e avançar para uma educação do povo!

Avante Estudantes! Organizar e avançar na luta! Unificar as lutas e greves por uma Educação Pública de Qualidade!

RAÇA E CLASSE: RECORTES NECESSÁRIOS DA LUTA FEMINISTA

O feminismo classista acredita que a libertação da mulher se dará pelo fim dos privilégios de gênero, raça e classe. O feminismo que trata de forma secundária a desigualdade econômica e o racismo não luta pela real libertação da mulher pobre, e sim pela manutenção – ou ganho - de privilégios para uma só parte das mulheres, sem abalar a exploração das mulheres trabalhadoras.



Estátua da escritora Raquel de Queiroz durante atividade da RECC - CE no 8 de março.



Claúdia Silva, assassinada no RJ, foi lembrada e homenageada.



Atividade da RECC - CE no 8 de março, realizada no centro de Fortaleza.



ATIVIDADE REALIZADA PELA RECC - DF NO 8 DE MARÇO!

A clássica frase “o gênero nos une, mas a classe nos separa” nunca foi tão verdadeira como agora. A “onda de feminismo” que surgiu pelo Brasil tem contribuído para que as mulheres compreendam melhor a opressão que sofrem, porém sem o enfoque nas questões de raça e classe este fenômeno não basta para a conquista real da emancipação da maior parte das mulheres brasileiras – pobres e negras.

Enquanto o feminismo liberal diz que a solução para os problemas das mulheres é a igualdade salarial, o feminismo pequeno-burguês tenta nos fazer acreditar que o maior e mais importante dos males que atinge as mulheres é o machismo. Não negamos que o machismo é uma opressão comum a todas as mulheres, porém dizer que é maior e/ou mais importante que as opressões que pobres e negras sofrem é uma visão mascaradora da realidade.

Existem valores racistas e elitistas escondidos no discurso de “opressão maior e comum” de todas as mulheres, pois é extremamente confortável para a mulher branca e burguesa que as negras trabalhadoras periféricas não deem a mesma importância para opressões de raça e classe. Resumindo: querem acabar com o privilégio masculino enquanto mantêm os próprios.

PAZ SEM VOZ É MEDO: A MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE GOIÁS - UM LABORATÓRIO NACIONAL DA REPRESSÃO



Desde 2013, onze escolas da rede estadual de Goiás foram militarizadas e a meta é que a polícia militar administre dezenove escolas através de uma parceria efetivada entre a Secretaria de Educação e Secretaria de Segurança Pública. O governo do estado, dirigido por Marconi Perillo/PSDB, alega que tal medida foi necessária para combater a onda de violência nas escolas públicas em muitas cidades, onde os altos índices de violência têm sido uma constante.

Este processo de militarização reflete de maneira mais explícita a relação entre a

educação e os interesses do capital, que tem como um dos objetivos formar futuros trabalhadores subservientes a disciplinas dotadas da lógica da exploração e do lucro. A última coisa que este arranjo político conseguirá é acabar com a violência de maneira pedagógica e restaurativa. A realidade das instituições educacionais não se descola da materialidade e da luta de classes, pois em grande medida essa violência reflete os problemas de desigualdade social, aliada a fatores de ordem histórica e cultural. Sem apontar para estas contradições, toda tenta-

tiva de paz será uma imposição do medo.

Diante disso, nós, da Rede Estudantil Classista Combativa nos colocamos contra a militarização das escolas! Não acreditamos que com mais repressão se resolva o problema das violências nas escolas. Uma via satisfatória é a organização de Grêmios afim de promoverem as lutas por direitos e ações de interação com os estudantes e com a comunidade local.

AVANÇA A ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DO POVO !

A hegemonia reformista no ME criou nas bases estudantis a ilusão de que seus anseios seriam atendidos com a vitória de certos partidos nas eleições do Estado burguês, subordinando as lutas estudantis à lógica parlamentarista, o que gerou uma dupla crise: de direção (a burocratização da UNE - consolidada com a vitória do PT - apontava a necessidade de ruptura com a entidade) e de organização (o atrelamento às políticas de governo arruinou o protagonismo e a autonomia organizativa dos estudantes proletários).

A RECC surge, em 2009, para suprir a falta de alternativas combativas para os estudantes diante da colaboração de classes praticada pela UNE e cada vez mais pela ANEL.

Nossa firmeza de princípios e a atua-

ção coerente nas lutas do povo permitiram o avanço, mesmo quando nossos adversários profetizavam nosso desaparecimento. O acerto de nossa linha política e a aprovação das bases se materializam no crescimento nacional da corrente, com a recente filiação de novas oposições: Coletivo Curupah/OCC (UFMS Corumbá) e Ação Direta Estudantil - ADE (UNESP Marília) e o surgimento de Comitês de Propaganda na UFPI e na UNESP Araraquara.

Acreditamos firmemente que quando munidos de um programa e estratégia corretos, atuando com disciplina e organização, os estudantes podem cumprir papel central nos combates de sua classe. Os diversos processos de luta em curso no país tornam urgente a organização dos estudantes sob um programa classista e combativo.

Ainda que sejam grandes os desafios para a construção do ME classista, nos dispomos a erguer uma trincheira combativa para os enfrentamentos que virão.

VIVA A LUTA COMBATIVA DOS ESTUDANTES!



Intervenção realizada pela Ação Direta Estudantil!

RECC Oposição Classista, Combativa e Independente ao DCE-UFRRJ (RJ); Oposição Classista e Combativa ao DCE da UFC (CE); Oposição Combativa Classista e Independente ao DCE da UnB (DF); Oposição Classista, Combativa e Autônoma ao DCE da UFG/Goiania e Jataí (GO); Oposição Classista e Combativa ao DCE-UFMS(MS); Coletivo Curupah/OCC(MS); Ação Direta Estudantil (SP); Coletivo Seso em Luta(UECE) **COMITÊS DE PROPAGANDA (Cps)**: Três Lagoas (MS), Anápolis(GO), Manaus (AM), Porto Alegre(RS), e Rio de Janeiro (RJ), Araraquara(SP), Sobral(CE), Teresina (PI), Brasília(DF), Minas Gerais, Blumenau(SC)